Recebido: 23 de outubro de 2025 | Aceito: 11 de dezembro de 2025

SERIA HELIOGÁBALO UMA MULHER TRANS? CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA RECLASSIFICAÇÃO DE UMA MOEDA ROMANA POR UM MUSEU INGLÊS

Semíramis Corsi Silva[1]

Resumo

Em 2023, reportagens noticiaram a decisão do Museu de North Hertfordshire, na Inglaterra, de expor uma moeda do imperador romano conhecido como Heliogábalo juntamente com outros itens de seu acervo LGBTQIA+. A decisão fundamentou-se na interpretação de que Heliogábalo seria, na realidade, uma mulher transgênero. Desde 2015, venho desenvolvendo pesquisas sobre Heliogábalo e levantando hipóteses sobre suas práticas. A partir da repercussão midiática envolvendo a curadoria do referido museu, considerei pertinente sistematizar minhas reflexões e dialogar com a decisão do museu, o que constitui o objetivo central deste artigo. Além disso, trago algumas reflexões novas sobre possibilidades de leitura da relação das práticas religiosas do imperador com questões sobre corpo e sexo. Por fim, exploro as potencialidades e limites de uma leitura queer de Heliogábalo.

Palavras-chave

Heliogábalo; imperadores romanos; Estudos de Gênero; teoria queer.

[1] Professora Associada – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil. E-mail: semiramiscorsi@gmail.com.
***Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.10, n.2, 2025.2. p. 113-138.**
DOI: 10.34024/herodoto.2025.v10.22697

Abstract

In 2023, news reports covered the decision of the North Hertfordshire Museum, in England, to display a coin of the Roman emperor known as Elagabalus alongside other items from its LGBTQIA+ collection. The decision was based on the interpretation that Elagabalus was, in fact, a transgender woman. Since 2015, I have been conducting research on Elagabalus and developing hypotheses about their practices. Given the media attention surrounding the museum's curatorial choice, I found it relevant to systematize my reflections and engage with the museum's decision, which constitutes the central aim of this article. Additionally, I present new reflections on possible interpretations of the emperor's religious practices in relation to issues of body and sex. Finally, I explore the potential and limitations of a queer reading of Elagabalus.

Keywords

Elagabalus; Roman emperors; Gender Studies; queer theory.

Introdução

Em novembro de 2023, matérias de jornais on-line noticiaram que o North Hertfordshire Museum, em Hitchin, cidade ao norte de Londres, passaria a se referir ao imperador romano Marco Aurélio Antonino, conhecido como Heliogábalo, com os pronomes femininos "ela" e "dela".[2] O Museu, que possui uma moeda do imperador, resolveu alterar os dados do material depois de concluir que ele era, na verdade, uma mulher trans. As matérias informam que, a partir de então, a moeda passou a ser exibida entre itens LGBTQIA+ do acervo. Segundo a matéria on-line da BBC: "*Um porta-voz do museu disse que era 'apenas educado e respeitoso ser sensível à identificação de pronomes para pessoas do passado'*".

A notícia gerou polêmica nas redes sociais. Por curiosidade, li os comentários de páginas brasileiras do Instagram. O principal argumento dos contrários alega que a atitude do museu é fruto de identitarismos modernos, anacrônicos para a Antiguidade ou, ainda, de leituras pós-modernas da História. Em relação a esta última opinião, há comentários como: "*Socorro, vamos reescrever a História com base na Teoria pós-moderne*", ressaltando o *e* ao final como referência ao uso de linguagem neutra. E outro comentário no mesmo sentido: "*O Pós-modernismo está destruindo a História*".

Já entre os comentários que defendem a postura do museu, temos falas como: "*O museu usando o devido pronome e vocês indo contra essa decisão nesta publicação*". Também aparecem comentários que expressam identificação pessoal com a proposta, reconhecendo no passado possibilidades de legitimação de identidades de gênero contemporâneas, como revelam as afirmações: "*eu falei que a gente estava aqui desde o início*" ou "*podem chorar, mas o todes sempre existiu*". Ademais, há comentários que demonstram algum conhecimento sobre relações homoeróticas entre homens no contexto romano antigo — relações essas que não eram, à época, necessariamente compreendidas como desvios —, embora muitas vezes tais comentários não consigam distinguir de maneira clara os contrastes fundamentais entre os sistemas éticos da Antiguidade e as concepções atuais de identidade de gênero, que se estruturam a partir de práticas sexuais, autoidentificação e da heteronormatividade compulsória. A esse respeito, destaco o seguinte comentário: "*O que mais tinha no Império*

[2] Links para algumas matérias: https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-67484645; https://www.theartnewspaper.com/2023/11/21/uk-museum-reclassifies-roman-emperor-as-transgender; https://uk.news.yahoo.com/roman-emperor-reclassified-trans-woman-100913080.html; https://www.out.com/news/roman-emperor-elagabalus-transgender.

Romano era gay, trans (voluntários e submetidos) e afeminados héteros. Mas a sociedade carente de história da humanidade não está pronta para essa conversão".

Há ainda comentários que veem na atitude do museu um sinal do patriarcado que reclassifica uma mulher — "nascida homem" — como trans, mas não reclassificaria um homem — "nascido mulher", segundo o comentário — como homem trans. Ou seja, o problema sempre será a misoginia, segundo a leitura, onde até mulheres trans tem primazia em relação aos homens trans. Uma resposta a este comentário, na postagem, sugere a reclassificação de Joana D'Arc como homem trans.

Como é possível ver, há um embate discursivo entre aqueles que querem encontrar no passado as identidades de gênero modernas e buscam uma identificação nos antigos por seus padrões diferentes dos contemporâneos e aqueles que percebem anacronismos. Entre estes últimos, alguns percebem tais ideias como leituras que colocam em risco os fundamentos do conhecimento histórico, esvaziando noções de evidência a fim de dar voz ao que está sendo chamado de "identitários".

Como pesquisadora dedicada há alguns anos ao estudo de Heliogábalo, com ênfase nas questões de gênero e nas práticas religiosas de origem síria associadas à sua figura, senti-me motivada a elaborar algumas reflexões sobre a recente discussão pública. Assim, este trabalho propõe-se a analisar o tema a partir da interpretação crítica das fontes históricas do contexto romano, ao mesmo tempo em que busca estabelecer possíveis conexões entre gênero, práticas culturais e representações dos povos sírios na Antiguidade, região de origem de Heliogábalo. Não pretendo entrar no debate sobre o chamado "identitarismo" e a leitura da classificação vista como fruto de análises pós-modernas. Gostaria, principalmente, de chamar a atenção para o lugar de onde saiu a ideia de Heliogábalo querer ser uma mulher e como precisamos criticar as fontes, buscando verossimilhanças, mas também embates discursivos. Creio que, sabendo dos embates do passado, os entendendo em seu contexto, podemos compreender melhor as disputas modernas e refletir sobre melhores formas de convivência. Viso, assim, propor que estas reflexões possam ser aproveitadas como conhecimento a fim de melhorar nossas atitudes em relação às diferenças. Neste sentido, trarei, para finalizar, algumas potencialidades e limites de uma leitura queer de Heliogábalo.

Começarei com uma breve apresentação da personagem e das fontes textuais do Império Romano que chegaram até nossos dias. Acho interessante chamar Heliogábalo de personagem, pois já traz nosso primeiro problema, que é como ficção, realidade e intenções contextuais se misturam no que chegou a respeito desse antigo governante.

Em torno dos textos sobre Heliogábalo do Império Romano e seus autores

Heliogábalo governou o Império Romano entre 218 e 222, tendo ascendido ao trono aos 14 anos e reinado até sua morte, aos 18. Era membro da dinastia dos Severos (193–235), uma casa imperial de origens romano-sírias e romano-africanas. As raízes romano-africanas estavam ligadas a Septímio Severo (193–211), fundador da dinastia e natural da província da África Proconsular. As conexões romano-sírias provinham da esposa de Septímio, Júlia Domna, pertencente à aristocracia sacerdotal da cidade de Emesa (atual Homs, na Síria), local de nascimento de Heliogábalo. Ele era filho de pai e mãe sírios, sendo sua mãe, Júlia Soêmia, sobrinha de Júlia Domna.

A ascensão de Heliogábalo foi resultado direto da articulação política de sua avó, Júlia Mesa, irmã de Júlia Domna. Após o assassinato do imperador Caracala (211–217) — filho de Septímio Severo e Júlia Domna — por ordem do então prefeito do pretório, Macrino, Júlia Mesa organizou um complô para restaurar o poder da dinastia. Como parte dessa estratégia, difundiu-se a narrativa de que Heliogábalo era filho de Caracala, o que lhe conferia legitimidade. O plano contou com o apoio fundamental da *Legio III Gallica*, estacionada na Síria.

O jovem ficou conhecido como Heliogábalo pela tradição posterior ao seu governo, seu nome era Vário Avito Bassiano (*Varius Avitus Bassianus*)[3], tornando-se Marco Aurélio Antonino (*Marcus Aurelius Antoninus*) ao ser elevado imperador, fazendo uma referência a Caracala, cujo nome imperial era Marco Aurélio Antonino. Já a escolha do nome por Caracala remetia a uma aproximação dos Severos com os Antoninos. O nome latinizado *Heliogabalus* ou *Elagabalus* vem de uma tradição tardia, como vemos na *Vita Heliogabali*, da História Augusta, e faz referência a Elagabal, deus solar de sua cidade natal e para quem ele se dedicou como sacerdote após se tornar imperador.[4] Ou seja, o nome Heliogábalo na História Augusta é uma zombaria, uma ofensa ao imperador que é visto nesta coleção de biografias como cultuando seu deus de forma exótica e exagerada.

[3] *Varius* referia-se ao seu pai (Sexto Vário Marcelo); *Avito* referia-se ao seu avô materno (Júlio Avito Alexiano) e *Bassianus* era o cognome da família de Emesa (Icks, 2013: 59).

[4] Embora na Historia Augusta o nome que apareça seja *Heliogabalus*, Elagabalus é a forma mais comum usada na historiografia moderna em inglês para se referir ao imperador. Já Elagabal (*Ilāh hag-Gabal*, no árabe) é a tradução padrão para se referir ao deus solar de Emesa. No entanto, na tradução do grego para o inglês de Earnest Cary, usada neste artigo, temos Elagabalus para se referir ao deus.

Uma primeira reflexão me surge aqui em relação à atitude do museu inglês: Será que se quiséssemos de fato reabilitar a figura deste imperador, o melhor não seria lhe dar seu nome imperial como tradicionalmente é feito com Augusto, por exemplo? Creio que sim.

Mas vamos ao tema do artigo, a associação de Heliogábalo com o feminino. Dos textos que chegaram até a atualidade, tudo indica que a questão do imperador efeminado pode ter começado, nos textos, com a escrita de Dião Cássio, um senador e historiador que foi rebaixado politicamente por Heliogábalo, seu contemporâneo, portanto. Em outro texto de minha autoria, disposta a investigar se havia motivos diretos para Dião Cássio ter criado imagens tão negativas de Heliogábalo, que reverberaram em outros textos de forma diferente conforme gêneros textuais e intenções autorais, analisei o *cursus honorum* do historiador, apontando para um rebaixamento político no governo de Heliogábalo.[5] Comentarei sobre isso em breve, primeiro é importante apresentar os outros textos que tratam de Heliogábalo no contexto do Império Romano e que chegaram até nossos dias para pensar o diferencial de Dião e seu caráter possivelmente inaugural sobre o tema da efeminação.

Entre os demais textos do Império sobre Heliogábalo, o primeiro que deve ser citado é a *História do Império Romano*, de Herodiano. O outro texto é a já citada *Vita Heliogabali* da História Augusta. Leonardo de Arrizabalaga y Prado (2017) acredita que houve uma outra *vida* de Heliogábalo escrita por Mário Máximo, um biógrafo romano que, nas primeiras décadas do século III, escreveu uma série de biografias de doze imperadores em latim, imitando o modelo de Suetônio. Mas esta obra não sobreviveu, infelizmente. Segundo Arrizabalaga y Prado (2017), a obra de Mário Máximo teria sido utilizada como fonte por Dião Cássio que não estava em Roma na época do governo de Heliogábalo. Assim sendo, algumas informações que Dião apresenta podem ter vindo de Mário Máximo. Infelizmente não há como medir a influência de Mário Máximo em Dião. Portanto, do que chegou para nós, o primeiro texto sobre Heliogábalo é o de Dião Cássio. Mas vejamos antes um pouco sobre Heliogábalo no texto de Herodiano e na *Vida de Heliogábalo* da História Augusta antes de chegar em Dião Cássio, a "cereja de nosso bolo".

Herodiano viveu entre 180 e 250, ocupou cargos político-administrativos no Império (*História do Império Romano*, 1, 2, 5), mas em posições menores que Dião Cássio, e escreveu os oito livros da *História do Império Romano* por volta de 240, tratando desde a morte de Marco Aurélio até a ascensão de Gordiano III. Os aspectos biográficos de Herodiano são pouco conhecidos.

[5] Ver Silva, 2024.

A origem de Herodiano é incerta, havendo autores que acreditam que ele nasceu na Síria (Mazzarino, 1974, apud Gonçalves, 1996: 54) e outros que defendem alguma cidade da Ásia Menor, na Anatólia como de sua origem (Cassola, 1967; Torres Esbarranch, 1985; Roques, 1990, apud Gonçalves, 1996: 54). Sobre a posição social do historiador, Santo Mazzarino (1974, apud Gonçalves, 1996: 56) defende que Herodiano era um liberto, o considerando um escritor de corte da época dos Severos, o que me parece pouco provável pela falta de conhecimento de detalhes que ele demonstra. Também não acredito que Herodiano fosse um liberto, pois ele critica Cômodo e Heliogábalo por terem elevado seus libertos a cargos importantes (*História do Império Romano*, 1, 12, 3; 5, 7, 7). Por outro lado, Herodiano elogia o fato de Macrino ter conseguido ser imperador mesmo sendo um equestre (*História do Império Roman*o, 5, 1, 5), podendo ser ele, então, um procurador equestre. Isso pode ser pensado também a partir dos conhecimentos que Herodiano demonstra, fruto de variadas viagens, bem como por seu conhecimento de assuntos fiscais. Assim, muito possivelmente, Herodiano era um funcionário equestre da burocracia romana.

Certamente, a posição subalterna de Herodiano em funções político-administrativas, em relação a Dião, marcará seus escritos. Para Herodiano, o sucesso ou fracasso de um governo dependia do caráter do imperador, sendo sua *paideia* fundamental neste processo (Van Etten, 2025: 30-31). Heliogábalo, no caso, é apresentado no quinto livro de Herodiano como alguém que não recebeu a educação greco-romana, não seguia o *mos maiorum* (costumes ancestrais) e, por ser jovem demais, era inexperiente e manipulado. Diferentemente de Dião Cássio, nas histórias de Heliogábalo apresentadas por Herodiano, há menos ênfase na vida sexual desmedida do imperador, ressaltando sua inaptidão para governar. São frisados aspectos da devoção a Elagabal e a influência das mulheres no governo, principalmente da avó Júlia Mesa, justamente pela pouca idade do governante. Talvez a diferença do Heliogábalo de Herodiano esteja justamente nos interesses do historiador que não era um senador. Herodiano se preocupa menos com as origens sírias de Heliogábalo e como elas estavam intervindo tanto em seus costumes considerados exóticos, como em sua forma de governo e, principalmente, na elevação ao poder de sírios e outros homens que não eram da elite tradicional, o que vemos receber mais atenção na narrativa de Dião, um senador da elite mais tradicional, a quem isso parece ter prejudicado.

Já a História Augusta, conhecida como *HA*, trata-se de uma série de histórias de imperadores, usurpadores, pretendentes ao cargo imperial e césares, escritas em latim. Diferentemente do texto de Herodiano, e se

aproximando mais de Dião Cássio, a *HA* segue valores da elite senatorial tradicional, tendo sido escrita por alguém próximo à corte, de uma perspectiva romano-cêntrica (Machado, 2010).

A autoria e a datação da *HA* têm gerado debates desde finais do século XIX. Atualmente não há consenso sobre sua datação, mas há uma tendência em aceitar o final do século IV e a primeira metade do século V como mais provável (Corassin, 1988: 160). Além do mais, esse debate foi deixado de lado, uma vez que maior atenção tem sido dada à reflexão sobre o caráter ficcional e histórico da obra. A *Vida de Heliogábalo*, inclusive, é um dos textos cujo caráter ficcional é extremamente debatido e aceito.

Em minha análise, a vida desmedida é o tema principal que conduz o texto e norteia os argumentos da biografia de Heliogábalo. Além disso, é fundamental considerar o tom de humor que está em piadas, jogos de palavra, nomes de personagens e na intertextualidade com outras obras conhecidas do público. Neste sentido, há na *Vida de Heliogábalo* um esforço em mostrar o protagonista dentro de um padrão já conhecido, o *cinaedus,* figura apresentada na literatura latina como efeminada e penetrada sexualmente, um desviante do padrão do *vir*.[6] O humor é fundamental na *Vida de Heliogábalo*. E fatos e ficções sobre o jovem governante são misturados com forte teor satírico.

Mas, passemos ao ponto central da análise: os escritos de Dião Cássio sobre a figura de Heliogábalo, que considero ser a origem da ideia de que o imperador teria desejado ser uma mulher, representação recuperada pelo museu inglês em 2023. Nesse contexto, cabe examinar quem foi Dião Cássio e quais elementos específicos de sua obra contribuíram, em minha leitura, para influenciar a construção posterior da imagem do imperador na História Augusta, deixando uma marca duradoura, embora controversa e frequentemente distorcida, sobre o personagem histórico, cujo nome

[6] A intertextualidade é muito presente no texto com as comédias de Plauto e Terêncio, mas também com escritores de cunho satírico, como Petrônio (*Vida de Heliogábalo*, XXI, 5). O *Satyricon* parece-me ter sido uma obra fundamental para estabelecimento de um reconhecimento do leitor sobre os desvios sexuais de Heliogábalo a fim de apresentar o imperador associado à figura do *cinaedus*, tão bem delineado no texto petroniano. Outro aspecto interessante seria a origem de Heliogábalo, em um estudo sobre paralelos da *Vida de Heliogábalo* com a Cena de Trimalquio do *Satyricon*, Cláudia Teixeira (2007) conclui que, na cena a ideia, é rir das consequências negativas da mobilidade social e, na descrição de Heliogábalo da História Augusta, é realçar sua origem oriental, rindo dela. Também há paralelos com as vidas de maus imperadores escritas por Suetônio. Há várias referências a Calígula, Nero e Vitélio (*Vida de Heliogábalo*, 1, 1; 18, 4; 33, 1; 34, 1) e de cenas da vida de Heliogábalo em comum com elementos conhecidos sobre estes imperadores considerados maus governantes (Vida de Heliogábalo, 14, 6; 23, 4; 26, 3; 31, 8).

tradicional, Heliogábalo, é ele próprio fruto de um processo de construção discursiva.

Dião Cássio nasceu, possivelmente, entre 163 e 164, em Nicéia, importante cidade da Província da Bitínia. Sua família era abastada e influente na política local, seu pai, Cássio Aproniano, foi senador, cônsul e também governador das províncias da Lícia-Panfília, da Cilícia e da Dalmácia. Dião Cássio teve um interessante *cursus honorum*, chegando ao alto posto de cônsul em duas ocasiões.

Em relação aos postos de Dião junto aos imperadores da Dinastia dos Severos, é provável que ele tenha assumido seu primeiro consulado sob Septímio Severo, após ser pretor, conforme o *cursus honorum* tradicional. Fergus Millar (1964) acredita que esse consulado ocorreu entre 205 e 206. Sabemos, por suas próprias informações (*História Romana*, 77, 17, 13-18, 1), que ele fez parte do círculo de conselheiros de Caracala. Foi governador de províncias, amigo do imperador e cônsul pela segunda vez durante o governo de Severo Alexandre (222-235), o sucessor de Heliogábalo, a quem Dião valoriza significativamente em seu texto. Já sob o governo de Heliogábalo, Dião não parece ter recebido nenhum cargo, perdendo ainda o posto de conselheiro imperial que manteve com os dois antecessores, Septímio e Caracala. Portanto, como busquei mostrar em Silva (2024), Dião Cássio sofreu um rebaixamento durante o governo de Heliogábalo. Nosso imperador valorizou a presença de pessoas do círculo sírio no poder, o que deve ter incomodado bastante um senador tradicional como Dião.[7] É aqui que reside, em minha análise, o ponto central da construção tão negativa de Heliogábalo por ele.

As atitudes desmedidas de Heliogábalo em diversos assuntos e atividades são apresentadas ao longo de todo Livro 80 de Dião, a falta de clemência do imperador perante seus inimigos (80, 3; 80, 5, 1), sua sobreposição às concessões de títulos atribuídos pelo Senado (80, 8, 1-3), o fato de Heliogábalo se negar a usar as roupas tradicionais dos romanos (80, 8, 3; 80, 11, 2; 80, 9, 2), ter colocado Elagabal acima do próprio Júpiter (80, 11, 1), sua violação da lei casando-se com uma vestal (80, 9, 3), sua efeminação (80, 5, 6; 80, 13; 80, 14, 3-4; 80, 16, 4), seus diversos casamentos (80, 9-10), seus desmedidos relacionamentos homoeróticos (80, 15, 1-4) e até uma

[7] Como pontua Herz (2024), os imperadores severianos valorizavam o apoio militar em detrimento da aprovação senatorial e tratavam senadores, como Dião Cássio e Mário Máximo, por exemplo, com desdém. Diferentemente da afirmação de Herz, particulamente, perfiro não generalizar que os Severos trataram senadores com desdém. Mas, no contexto severiano, houve uma grande valorização dos grupos militares em detrimento dos senadores mais tradicionais e em favor de elites provinciais, em especial da Síria durante o governo de Heliogábalo.

possível tentativa de fazer uma vagina em seu corpo (80, 11, 1; 80, 16, 7; 80, 17, 1).

É importante compreender que todas as afirmações de Dião Cássio na construção de Heliogábalo seguem elementos do *topos* literário do *pessimus priceps*. Ou seja, fazem parte do desenrolar de uma série de valores que apareciam como tema recorrente nos textos do Principado e eram uma ferramenta retórica voltada a reforçar argumentos filosóficos, éticos e políticos das camadas tradicionais do Senado. Este *topos* envolvia: tirania e autoritarismo, corrupção moral e política, desrespeito às leis, aos deuses tradicionais e aos costumes romanos (e neste sentido à virilidade) e incompetência administrativa. Diante de todos elementos negativos, destaco que a ênfase de Dião é na performatividade feminina do imperador.[8] Vejamos, então.

As associações de Heliogábalo com o feminino: crítica à fonte e verossimilhança

Dião Cássio (*História Romana*, 80, 17, 1) se refere ao imperador Marco Aurélio Antonino como Avito e *Falso Antonino*. Este último a fim de depreciar a relação e a busca de legitimidade ligada a Caracala e aos Antoninos. Dião também lhe confere um nome que nos remete a referências femininas e ao uso excessivo do sexo: Sardanápalo (*História Romana*, 80, 1, 1; 11; 12).[9] Sardanápalo é conhecido por meio da *Biblioteca Histórica* de Diodoro Sículo, escritor do final do século I AEC e início do século I EC, e, segundo Diodoro, foi um rei assírio que vestia roupas femininas e usava maquiagem. Esse rei teria muitas concubinas, não só mulheres, mas também homens. O seu estilo de vida causou insatisfação

[8] A performatividade de gênero é aqui compreendida como um conjunto de ações reguladoras da identidade de gênero, inscritas na materialidade dos corpos e constituídas no interior das práticas discursivas. Para a compreensão desse conceito, recorro aos aportes teóricos de Judith Butler (2010), que concebe o sujeito como um *sujeito-em-processo*, produzido performativamente por meio dos atos que realiza no interior de estruturas discursivas previamente estabelecidas. Nesse sentido, o sujeito não é uma entidade fixa ou essencial, mas uma construção performativa, cujas manifestações identitárias podem tensionar e desestabilizar dicotomias normativas como macho/fêmea, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, entre outras. Por estar enfocando a análise de discursos e representações, opto por não abordar outro conceito mobilizado por Butler (2010), distinto da performatividade de gênero: trata-se da performance de gênero, compreendida pela autora como uma noção centrada na ação do sujeito e nos processos de subjetivação.

[9] Outra forma de chamar o imperador ligado ao feminino aparece na obra de Filóstrato (*Vidas dos Sofistas,* II, 625), com o termo *Gynnidós*, do grego *γυνὴ/gyné,* mulher.

nos comandantes do Império Assírio, o que teria levado a uma conspiração contra ele. Sardanápalo viveu no século VII AEC e é retratado como uma figura hedonista, "decadente" e que morreu numa orgia de destruição (*Biblioteca Histórica*, 2, 23).

Consequentemente, pela denominação de Sardanápalo, é possível ver como Dião está relacionando Heliogábalo aos considerados excessos femininos de um monarca sírio/oriental. É importante destacar que, no imaginário romano, sírios e assírios, como Heliogábalo e Sardanápalo, eram percebidos de maneira indistinta e frequentemente associados à feminilidade, mais do que a uma noção genérica de Oriente. Reduzir essa representação à categoria ampla de oriental corre o risco de reforçar estereótipos do orientalismo moderno. Nesse contexto, a efeminação atribuída a essas figuras está mais ligada à identidade síria/assíria do que a uma generalização orientalizante.

Com isso, percebo como Dião constrói uma imagem altamente potente de Heliogábalo, pois tal representação do homem feminino que vinha das regiões orientais sírias já era conhecida na literatura e no imaginário dos romanos. Além de Sardanápalo, temos exemplos significativos da ligação do homem feminino aos que vem do Oriente, por exemplo, com o mito de Átis, o consorte de *Magna Mater*, que se emascula, segundo o mito[10], ou os sacerdotes da deusa síria Atargátis.

Dião Cássio traz vários exemplos de atitudes femininas de Heliogábalo. Fala de seus casamentos com três mulheres, o que também é considerado um excesso. Lembremos que o excesso de relações com mulheres era visto como uma forma de efeminação. Segundo David Halperin (2002), a efeminação foi durante muito tempo definida como um sintoma de excesso. Um homem "mulherengo", assim, era considerado na cultura greco-romana como efeminado, uma vez que teria "se afastado das normas de gênero masculinas na medida em que preferiu a opção suave do amor à opção difícil da guerra" (Halperin, 2002: 111).

Dião também nos conta sobre o casamento de Heliogábalo com dois homens. O primeiro deles foi Hierócles, um escravizado da Cária que participava de corridas de bigas e, por ser o homem preferido do imperador, teve muito poder, até mais que o próprio governante (*História Romana*, 80, 15). O segundo foi Aurélio Zótico, um atleta escravizado de Esmirna. Além do descontrole de Heliogábalo, ao demonstrar sua paixão

[10] Sobre a efeminação de Átis na literatura greco-romana e em objetos da cultura material, ver Alvar; Lopez-Gómez; Pañeda, 2019.

por escravizados, temos uma sugestão maior da inferioridade a qual o imperador se submetia.

Dessa forma, Heliogábalo contraiu matrimônio diversas vezes ao longo de seu curto reinado. Em aproximadamente quatro anos de governo, Dião Cássio registra sete casamentos, entre os quais destaco a união com uma vestal, considerada um crime grave. A figura de Heliogábalo acaba por representar, assim, o ápice do excesso e do descontrole, atributos associados ao feminino. Mas o ponto máximo da efeminação do Falso Antonino no texto de Dião Cássio é seu desejo de ter uma vagina. Citando as passagens:

> [...] também circuncisou sua genitália [*hóti te to aidoîon periéteme*] e se absteve da carne de porco, com o fundamento de que sua devoção deveria ser mais pura. Mas ele [referindo-se a Heliogábalo] decidiu, de fato, se mutilar completamente [*pantápasin autò apokópsai*], mas seu desejo foi motivado unicamente por sua efeminação [*tês malakías*]. Seus feitos foram parte dos requisitos sacerdotais de Elagabal, e, da mesma forma, ele mutilou [*elumḗnató*] muitos de seus companheiros (*História Romana*, 80, 11, 2. Tradução da autora).

> Sua luxúria chegou a tal ponto que ele pediu aos médicos [*toùs iatroùs*] que inventassem a vagina de uma mulher [*aidô gunaikeîan*] em seu corpo, por meio de uma incisão, prometendo a eles grandes somas como pagamento (*História Romana*, 80, 17, 1. Tradução da autora).

Segundo a matéria on-line da BBC, o Museu North Hertfordshire justifica sua alteração na identidade de gênero do imperador citando uma frase de Dião Cássio (*História Romana*, 80, 16, 1) de que o governante teria falado certa vez, "Não me chame de senhor, pois sou uma senhora".[11] Como é possível ver, o museu comprou o discurso difamatório de Dião como uma verdade, sem crítica histórica.

Sabendo disso e fazendo as devidas críticas ao problema de um museu, local importante de produção de memórias, não ter um historiador que faça uma análise crítica mínima de fonte[12], podemos então nos perguntar:

---

[11] *Mḗ me lége kýrion; egṑ gàr kyría eimí.*

[12] Refiro-me aqui à análise crítica das fontes por considerá-la uma das competências fundamentais que se busca desenvolver, desde os primeiros momentos, na formação acadêmica em História. No início de minha formação como historiadora na Unesp/Franca, fui introduzida ao estudo crítico de fontes textuais já no primeiro semestre da graduação. Atualmente, como docente de História Antiga, inicialmente na UFSM e, mais recentemente, na UFU, considero como tarefa introdutória essencial o trabalho com a análise textual de fontes antigas, orientando estudantes, já no primeiro semestre do curso, nos procedimentos fundamentais da hermenêutica histórica tradicional, especialmente a distinção entre crítica externa e crítica interna dos textos. Trata-se, portanto, de uma etapa elementar da prática historiográfica, cuja ausência, no

Haveria alguma verossimilhança nas práticas de Heliogábalo? Ou melhor, em quais aspectos da realidade Dião Cássio buscou recursos para desenvolver seu texto sobre a efeminação de Heliogábalo e sua suposta vagina, tornando-o possível de crédito? De onde poderia ter vindo a associação do imperador como uma mulher feita pelo historiador?

Em linhas gerais, em minha interpretação, Dião Cássio fala sobre a suposta tentativa do imperador em ter uma vagina devido ao fato de ele realizar rituais religiosos que, muito possivelmente, envolviam cortes nas genitais masculinas. Isso é uma hipótese. Assim, estes ritos poderiam ter sido desenvolvidos pelos atributos solares e de fertilidade de Elagabal. Em cultos como esse, as genitais masculinas tinham uma forte simbologia como uma espécie de simulacro da masculinidade. Já no século XIX, o erudito francês Jacques-Antonie Dulaure, em um estudo sobre cultos ao falo na Antiguidade (*Des Divinités Génératrices*), levantou a ideia do touro e do bode estarem ligados a antigos ritos de fertilidade que envolviam castrações rituais por questão zodiacal, tendo o sol, conforme antigos estudos e crenças astrológicas/astronômicas entrado no signo da constelação celeste do touro e do bode. Assim, esses signos eram considerados o símbolo do sol primaveril, o regenerador da natureza.

De fato, é possível que houvesse algo relacionado à força do pênis, ao menos de animais, representado nas moedas emitidas por Heliogábalo. Elke Krengel (1997) defende que o falo de um touro passou a aparecer na indumentária do imperador em moedas cunhadas após ele ter se tornado sacerdote, como é possível ver na moeda abaixo.

Imagem 01: Áureo de Heliogábalo. No anverso e no reverso há um objeto fálico fixado na cabeça do imperador. Referência: RIC, IV, 2, Elagabalus, 86.

Talvez houvesse algo no mito de Elagabal que envolvesse o pênis do touro como força do masculino, do atributo solar, da ordem masculina geradora, bem como pode ter alguma relação disso no corpo dos sacerdotes da

caso de uma instituição como um museu, revela uma falha no âmbito da responsabilidade com a produção e mediação pública do conhecimento histórico.

divindade. Lembremos que os rituais antigos estavam ligados diretamente aos mitos. O rito recriava o mito e mantinha a ordem cósmica e social (Eliade, 1972). No entanto, essa mitologia não chegou para nós, o que torna a afirmação impossível.

Dião também nos traz, em uma passagem bastante hiperbólica, a informação de que Heliogábalo usava órgãos genitais humanos em seus ritos:

> Não descreverei os cantos bárbaros que Sardanápalo [referindo-se a Heliogábalo] junto com sua mãe e avó, cantaram a Elagabal, ou os sacrifícios secretos que ele ofereceu ao deus, matando garotos e usando encantamentos, na verdade, alimentando um leão, um macaco e uma serpente no templo dos deuses, jogando no meio deles órgãos genitais humanos, e praticando também outros ritos profanos, enquanto usava invariavelmente inúmeros amuletos. Importante elencar que ele foi ao absurdo extremo a ponto de cortejar uma mulher para Elagabal, como se o deus tivesse qualquer necessidade de casar e ter filhos (*História Romana*, 80, 11-12. Tradução da autora).

É possível ainda que o rito para Elagabal no corpo do sacerdote fosse uma circuncisão com aspectos simbólicos que envolvessem a genitália masculina e tivessem relação com questões de fertilidade, ritos de passagem e ordenamento cósmico, bem como um sentido ascético. Para mim, um indício de ascetismo nas práticas de Heliogábalo pode ser visto em uma das passagens supracitadas de Dião Cássio (*História Romana*, 80, 11, 2) onde ele diz que o imperador se absteve da carne de porco para que sua devoção fosse mais pura. Na mesma passagem, o termo usado para o corte dos genitais é *periéteme* (περιέτεμε), da forma verbal *peritémnō* (*περιτέμνω)*, que significa circuncidar, mutilar, cortar ao redor, termo formado pelo prefixo *peri* (περι, ao redor) e o verbo *témnō* (τέμνω, cortar).

Existem diversas sociedades que praticaram ritos de circuncisão no mundo antigo, os motivos são variados, bem como suas interpretações. Há evidências de que povos semitas mesopotâmicos praticavam este rito já em 3200-2700 AEC, com características de um rito de passagem caracterizando morte, ressurreição, fertilidade, etc. (Weiss, 1966: 77). Entre os israelitas, grupo que habitava regiões muito próximas geograficamente da Emesa de Elagabal, o rito é interpretado pelos seguidores como uma aliança do homem com Deus, além de ser um elemento de identidade. A partir de um estudo de passagens de livros israelitas, Charles Weiss (1966) percebe uma possível associação da circuncisão com morte e ressurreição, além da fertilidade do circuncidado.

Mas, isso são apenas hipóteses em torno do rito a Elagabal. Porém, essas reflexões nos lançam luz a uma aparência de verdade, ou ao menos em

ritos conhecidos que possam ter sido usados por Dião para trazer credibilidade ao seu discurso. Assim, buscando por verossimilhança menos no rito para Elagabal em si, do qual não temos muitos testemunhos, e mais na própria ideia trazida por Dião Cássio, há alguns anos tenho cruzado minhas pesquisas sobre Heliogábalo com pesquisas sobre os *galli*, sacerdotes de Cibele (*Magna Mater*). Também é possível que os ritos em honra a Elagabal tivessem alguma semelhança mítica com os cultos à deusa Cibele e a seu consorte Átis, bastante populares no Império Romano. Segundo diversos testemunhos antigos, um tipo específico de cultores de Cibele, os *galli*, cortava algo em suas genitálias.[13] Da mesma forma, conforme o escritor sírio Luciano de Samósata (*A deusa síria*), os sacerdotes da deusa síria Atargátis realizavam rituais em suas partes genitais. Por conta disso, os sacerdotes de Cibele e de Atargátis foram vistos como femininos no contexto romano antigo.[14]

Imagem 02: Relevo funerário de Lavínio (século II). Capitoline Museums, Rome. Este busto é frequentemente associado a um *galus*, já que as roupas destes cultores eram vistas como femininas. Françoise Van Haeperen (2019) questiona essa identificação, levantando a possibilidade de ser uma sacerdotisa de Cibele.

No entanto, pelas fontes que temos, não conseguimos saber o que os iniciados cortavam em seu corpo. Não sabemos se era um corte de toda genitália masculina, apenas de parte dela ou, até mesmo, se esse corte era

[13] Embora os *galli* sejam o tipo mais comum conhecido hoje como antigos sacerdotes de *Magna Mater*, eles não eram os únicos cultores da deusa e mesmo sua identificação como sacerdotes é questionada por pesquisadores. Françoise Van Haeperen (2019) defende que o estatuto dos *galli* era marginal e não exatamente sacerdotal e, segundo ela, eles não faziam parte do culto oficial de Cibele em Roma, nem nas demais cidades do Império, embora pudessem participar.

[14] Sobre o tema, ver Silva, 2020.

simbólico e não físico.[15] Além disso, não conseguimos saber o que esses ritos significavam aos próprios iniciados e nem se significavam "transição" de gênero e sexo para quem os praticava.

Dessa forma, se os ritos para Elagabal envolviam corte no corpo dos sacerdotes, esse ritual pode ter sido visto de forma exagerada por Dião Cássio. Mas não podemos ter certeza se, de fato, os ritos para Elagabal eram semelhantes aos dos *galli* de Cibele, é uma possibilidade. Outra hipótese é que Dião Cássio tenha aproximado os ritos de Elagabal ao dos *galli* no imaginário de quem o lia. Assim, ainda que o rito de Elagabal não tivesse ligações com as práticas dos *galli*, Dião usou retoricamente de um imaginário em torno da existência repudiada destes cultores. Lembremos que os *galli* não eram mostrados positivamente na literatura, como comentei.[16] A partir de então, se criará uma tradição textual feminina para Heliogábalo que será retomada em textos ainda do contexto romano e em obras dos séculos que virão.

Ademais, é importante considerar que costumes e vestimentas dos homens sírios antigos eram vistos como femininos aos escritores greco-romanos. Juvenal (Sátira 3, 60-72), poeta que viveu entre meados do século I e meados do II, apresenta os homens sírios como usando roupas leves e se perfumando. Isso não significa que estes homens fossem femininos, mas sua masculinidade era diferente da virilidade dos romanos aos olhos dos próprios romanos.

Na *Vida de Heliogábalo* da História Augusta, a Síria é, em larga medida, um lado greco-oriental que transborda nas fronteiras do Império com seus costumes exóticos, com seus homens perfumados, barulhentos e adornados. Assim, a Síria e Heliogábalo estariam à margem da romanidade. Há, indiscutivelmente, uma interseccionalidade entre ser sírio e, logo, feminino que salta aos olhos quando lemos os textos antigos e que não pode ser desconsiderada nas análises enquanto embate discursivo e um discurso da romanidade e da afirmação do poder greco-romano das elites mais tradicionais, em especial em Dião Cássio, onde o padrão discursivo parece ter começado. Os romanos possuíam um forte incomodo com a anomalia (Alvar; Lopez-Gómez; Pañeda, 2019), e estes escritores

[15] Para mais informações sobre esses ritos, possíveis hipóteses e as relações que foram feitas por pesquisadores com os ritos de taurobólio, ver Silva, 2021b.

[16] Outro conjunto de evidências que permite apreender a percepção negativa dirigida aos *galli* pela população do Império Romano, para além dos relatos literários, encontra-se nas cinco placas de maldição (*defixiones*) descobertas no templo dedicado a Ísis e *Mater Magna* em Mogoncíaco. Ver Silva, 2022.

ressaltam isso para potencializar a imagem negativa que queriam transmitir sobre Heliogábalo.

Os textos, assim, reproduzem *topoi* clássicos de comportamentos de maus imperadores e, no caso de Heliogábalo, exageram. É preciso considerar que a historiografia romana antiga, sobretudo a produzida durante o período imperial, não deve ser compreendida como um registro objetivo dos acontecimentos, mas como um gênero literário com forte caráter pedagógico e moralizante. Os autores romanos, ao narrarem os fatos do passado, tinham como objetivo oferecer modelos de comportamento positivos e negativos que servissem de exemplo (*exempla*) para seus contemporâneos. Isso é fundamental para compreender a lógica narrativa. *Exemplum* é um conceito central na mentalidade romana: os feitos do passado (tanto virtuosos quanto condenáveis) eram resgatados não pela sua fidelidade factual, mas pelo potencial de ensinar e de influenciar moralmente o público. A historiografia funcionava, assim, como um repositório de memória e formação cívica, operando como instrumento de educação. Autores como Dião Cássio e Herodiano faziam uso dessa estrutura, frequentemente moldando os personagens históricos para que servissem de advertências ou *exempla.* Os acontecimentos se subordinavam à utilidade moral e retórica, o que faz com que a análise crítica dessas fontes exija atenção aos propósitos, contextos e estratégias narrativas.

Ademais, a historiografia romana era fortemente influenciada pelo ideal de *mos maiorum* que valorizava os valores tradicionais como *virtus, pietas* e *gravitas*. Nesse sentido, o historiador antigo do Império não era apenas um cronista, mas um guardião da moral, um construtor de memórias seletivas orientadas por interesses políticos, sociais e éticos.

Outro ponto na construção da imagem de Heliogábalo diz respeito à ordem imperial romana. Desde minha tese de doutoramento tenho defendido posições historiográficas que percebem a existência de um espaço compartilhado, entre as elites do Império, de valores baseados na cultura grega e romana em interação (Silva, 2019b). Tal identidade político-cultural incluía modos de se vestir, falar, comer e se portar de maneira geral, reconhecendo a existência de uma *paideia/humanitas* formadora da *romanitas* que, por sua vez, variava nos contatos com as diferentes culturas dentro do Império e conforme os diferentes indivíduos e grupos. Ao contrário disso, o que vejo nos textos sobre Heliogábalo é que ele ultrapassa esse espaço discursivo de ordenamento com sua política e valores siríacos em destaque.

Heliogábalo queer?

A par da situação dos textos antigos sobre Heliogábalo, conhecendo especialmente a posição de Dião Cássio e as possibilidades de pensar sua construção da imagem negativa do imperador como um sírio, logo um feminino avesso aos valores greco-romano em vários sentidos, mas em especial em relação às performatividades de gênero e padrões de corpo, um ponto que tenho pensado é sobre o potencial queer de estudo da personagem.

Segundo Sarah Salih (2012: 19-20), a expressão inglesa *queer*, enquanto vertente teórica, é uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar pessoas que fugiam aos padrões normativos de corpo e gênero. Em linhas gerais, enquanto teoria, o queer visa a desconstrução de categorias de identidade, afirmando a instabilidade de todas as identidades sexuadas e generificadas. A proposta parte da desestabilização da categoria sujeito, o que Judith Butler, a teórica queer por excelência, chama de genealogia crítica das ontologias de gênero. O radicalismo do uso da expressão está justamente na resistência à definição a padrões de gênero fechados.

Em outro texto de minha autoria (Silva, 2019), sugeri que o potencial queer de análise de Heliogábalo está em sua construção enquanto sujeito abjeto. Continuo defendendo esse potencial. Porém, como tenho ressaltado ao longo do texto, é preciso analisar como estes textos são parte de embates discursivos dentro de um contexto e de questões político-administrativas e *topoi* literários próprios das elites que os escreveram. Da mesma forma, é preciso pensar sobre o uso de uma representação literária já estabelecida entre a romanidade e a visão do estrangeiro, em especial dos sírios. Mas há outros pontos interessantes a serem pensados em relação ao olhar queer para Heliogábalo. E para discutir estes pontos, chamo para diálogo o texto *How to do the History of Elagabalus* (2024), de Zachary Herz.

O título do texto de Herz traz uma referência ao livro *How to do the History of Homossexuality* (2002), de David Halperin. Em linhas gerais, a ideia central de Halperin é questionar análises essencialistas da história que pontuam que sempre existiu uma forma natural e estável de identidade homossexual. Inspirado pelos trabalhos de Michel Foucault, Halperin sustenta que as formas contemporâneas de entender a homossexualidade não podem ser projetadas para o passado. Sendo as categorias de "homossexualidade" e "heterossexualidade" produtos de processos históricos específicos, especialmente da modernidade ocidental. Uma das teses centrais é a distinção entre prática e identidade sexual. Em muitas sociedades, pessoas podem praticar atos que hoje seriam considerados

homossexuais sem, no entanto, construir uma identidade em torno disso. Assim sendo, a identidade homossexual como a conhecemos surge em contextos históricos específicos, não existindo no mundo romano, ainda que a prática de sexo entre homens existisse e os discursos sobre desvios também, mas não de forma a criar identidades como modernamente.

Partindo destas reflexões, que compartilho, Herz (2024) segue para a análise dos textos antigos sobre Heliogábalo a fim de não cair em essencialismos e anacronismos, como venho fazendo há anos nas minhas pesquisas sobre o imperador. A partir disso, ele percebe que o retrato de Heliogábalo reflete as ansiedades e a posição social insegura dos biógrafos de elite, mais especificamente no contexto severiano quando houve uma atenção especial aos exércitos em detrimento do Senado. Herz não faz uma análise detalhada do *cursus honorum* de Dião Cássio, mostrando a diminuição política durante o governo de Heliogábalo, como eu fiz em trabalho já citado (Silva, 2024). Essa análise, na minha percepção, complementa a de Herz, fazendo de suas reflexões e das minhas um conjunto interessante para pensarmos a representação do personagem por Dião, o que chamo neste texto de "cereja do bolo".

Mas é justamente aqui que temos um problema para uma análise queer de Heliogábalo. A teoria queer frequentemente adota uma postura de preocupação com a experiência vivida de sujeitos abjetos. O historiador queer "luta em primeira pessoa" (Herz, 2024: 408), ele é ansioso por encontrar "comunidade" e "parentesco", deseja dar voz aos marginalizados, como pontua o pesquisador supracitado. Mas, uma vez que os sujeitos marginalizados na Antiguidade, em geral, não deixaram seus testemunhos, a preocupação de Herz é querermos contar uma História que esteja acima de como o próprio sujeito gostaria de ser ouvido. Certamente Heliogábalo não foi um sujeito marginalizado, ele ocupava o mais alto status social. Mas ele sofreu *damnatio memoriae*[17] e não deixou seus próprios relatos para além de moedas e bustos que sobreviveram e onde ele não aparece como feminino. Assim, ao menos não foi essa sua proposta de autorrepresentação pública nos artefatos que nos restaram.

Diante disso, Herz (2004) pontua que, mesmo que a História Antiga nunca se adapte a certos tipos de investigação, a teoria queer produziu insights sobre o funcionamento social que historiadores da Antiguidade devem

[17] A *damnatio memoriae* foi uma prática simbólica e política romana que visava apagar da história oficial a memória de indivíduos considerados indesejáveis por meio da destruição de seus nomes e imagens em espaços públicos. No caso de Heliogábalo, a *damnatio* foi decretada pelo Senado após sua morte em 222, favorecendo a legitimação de seu sucessor, Severo Alexandre.

considerar. É aí que o historiador supracitado corrobora minha proposta (Silva, 2019) de um olhar queer para Heliogábalo: podemos construir conhecimento por meio da abjeção da representação do personagem. Para Herz (2024: 413), é possível pensar os discursos antigos como "evidências da vida de alguém, ou alternadamente (talvez simultaneamente) como evidências de algumas maneiras de falar sobre a vida das pessoas". Particularmente, eu me restringiria a "evidências de algumas maneiras de falar sobre a vida das pessoas", uma vez que os textos antigos eram construidos retoricamente e o que vemos nas construções de Heliogábalo é a retórica hiperbólica, o que Herz não pontua.

Além do mais, eu acrecento que uma leitura queer de Heliogábalo precisa implodir classificações modernas, não apenas porque isso é anacrônico, o que já seria bastante, mas porque a teoria queer visa a desconstrução destas categorias. O queer enquanto teoria não partilha da ideia de que as identidades são entidades fixas ou estáticas e explora as formas como a sociedade as constrói, havendo transgressões. Neste sentido, Heliogábalo não deve ser colocado como mulher trans, mas sua história é adequada para encenar a diferença entre norma e desvio para os antigos romanos, inferindo sobre como eles entendiam uma performatividade transgressora.

A história de nosso personagem é incomum e muito forte. Esta força pode ser percebida em tantos usos, apropriações e recepções em diversos contextos, por diferentes leituras e por grupos também desviantes. Herz (2024: 413) cita as análises de Martijn Icks (2013) sobre a recepção de Heliogábalo em comunidades posteriores que ele adjetiva como queer. Partindo de Icks (2013), ele percebe que Heliogábalo tornou-se um ícone para os vitorianos e românticos desviantes. Acrescento que mesmo no Brasil, Heliogábalo também chegou de forma queer. Um exemplo disso é o videoclipe da música *HéLioGaBaaLo* (2016), de LuKaSH. Esta obra audiovisual combina elementos históricos, culturais e políticos, apresentando a figura do imperador como um símbolo de transgressão e resistência. Dirigido pelo próprio LuKaSH, o clipe conta com a participação da ativista Indianarae Siqueira, liderança política e militante. A gravação ocorreu na Lapa, mais especificamente na encruzilhada do Beco do Rato, local onde se situa a CasaNem, um centro de apoio e abrigo para travestis e transexuais cariocas.

Concluindo, Herz (2024) propõe deixar o sujeito "Heliogábalo"[18] de lado e focar no sistema que o restringiu e o matou, o que acredito que venho

[18] As aspas colocadas por mim aqui são para frisar que, na minha leitura, na própria forma de chamar o personagem de Heliogábalo já não estamos falando dele, mas de uma

fazendo há alguns anos. Também proponho tentar, como faço neste artigo, buscar algumas possibilidades de realidade em que os escritores antigos legitimaram suas falas: os *galli*, os orientais sírios exotizados, os rituais de fertilidade e/ou um possível ascetismo presente no universo mítico-ritual compartilhado. Imaginários queer, principalmente religiosos, existiam como diferentes da ordem usual, ordem essa que os escritores não queriam ver ultrapassada, sendo sua negação parte da autoafirmação de um grupo.

Considerações finais

A partir do que foi apresentado, é importante destacar que na escrita da História não há respostas para tudo, há interpretações e elas devem ser baseadas na análise das fontes e das possíveis intenções dos produtores. Diante disso, a única certeza que temos é que, ao perceber o imperador como afeminado e dizer que ele queria fazer uma vagina em seu corpo, Dião Cássio tinha intenções difamatórias, criando a partir disso um "outro sírio oriental" relacionado a realidades possíveis das práticas do imperador, verossimilhança e *topoi* literários. É por conta das passagens sobre a vagina de Heliogábalo e pelo fato de seu testemunho ser inaugural que chamei Dião Cássio de cereja do nosso bolo. Ele é a primeira cereja que chegou até nós e é possível comê-la "queerizando-a" com uma crítica adequada.

Essa crítica diz respeito a ler os textos no contexto, e tal leitura precisa ser interseccional, cruzando as origens sírias de Heliogábalo com o feminino e o rebaixamento político de Dião — e mesmo da elite senatorial mais tradicional de forma geral — pelo imperador. É preciso perceber a existência de desvios às normas para o *vir* que são usados na representação do imperador a fim de deixar sua imagem verossímil, legítima e forte.

Sobre os comentários do Instagram em postagens sobre a atitude do museu inglês em renomear Heliogábalo no feminino, destaco que, em nenhum momento, as páginas que segui chamaram especialistas em História Antiga para entrevistas que comentassem a postura do museu. Estas páginas apenas traziam as notícias de sites internacionais de forma resumida em *cards* decorados com bustos e outros tipos de imagens. Há comentários que deixam claro como o leitor/a gostaria de entender melhor o fato contextualmente, bem como sentiu que as postagens traziam a notícia muito esvaziada de conteúdo histórico, tais como: "*Desnecessário!*

construção difamatória. O melhor aqui seria propor deixar de lado o sujeito Marco Aurélio Antonino ou Vário Avito Bassiano.

Mulher podia ser imperador naquela época? Não invente" e *"Isso não é anacronismo?"*

Tudo não se passou de especulações, portanto. Leituras especulativas e que dão volteios no mesmo tema não são uma novidade para qualquer pesquisador de Heliogábalo. Mesmo na academia temos diferentes anacronismos e especulações que vão desde estudos sobre sua psique, considerando o personagem ora injustiçado pelas fontes (Hay, 1911) ora um imperador louco (Villeneuve, 1957), até estudos sobre seu gênero sem apoio na crítica da documentação e em métodos historiográficos (Gualerzi, 2005). Temos ainda uma enfadonha repetição de ideias já trabalhadas por outros pesquisadores e que não vão levar a lugares novos, mas que demonstram a curiosidade que o personagem desperta e a falta de preparo para lidar com um tema complexo.

O Heliogábalo das fontes pode ser uma ficção, mas não deixa de ser importante para o conhecimento histórico se pensado a partir de sua construção e, ressalto, das realidades possíveis naquele contexto que ampararam os discursos e os deram força significativa. E, em uma análise neste sentido, há potencialidade de reflexões por um viés analítico queer.

Gostaria de terminar este texto com uma reflexão de Walter Benjamin (1987: 224-225) que diz o seguinte:

> Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. [...] O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.

Partindo da reflexão acima, defendo que não quero conhecer a verdade de Heliogábalo, não há como fazer isso com o material que temos hoje. Chegamos, no máximo, em hipóteses. Também não pretendo reabilitá-lo enquanto imperador, o que alguns estudiosos fazem com "maus" imperadores (Winterling, 2012: 7). O que proponho é uma reabilitação do feminino enquanto categoria de difamação historicamente construída. Independentemente se Heliogábalo se identificava ou não como feminino, esse elemento constituiu o núcleo das críticas formuladas por Dião Cássio, posteriormente exacerbadas na História Augusta e transmitidas com distintos usos e abusos ao longo dos séculos. Esse feminino, portanto, não pode mais ser motivo de alguém cair em desgraça. Caso haja a intenção de reabilitar Heliogábalo, que ao menos se recupere seu nome imperial, em vez de perpetuar seu apelido satírico.

Fontes Antigas

CASSIUS DIO. *Roman History*. Vol. IX. Translation by Earnest Cary. London; Cambridge: William Heinemann; Harvard University Press, 1955.

DIODORO DE SICILIA. *Biblioteca Historica*. Libros I-III. Tradução de Francisco Parreu Alasà. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

FILÓSTRATO. *Vidas de los Sofistas*. Introdução, tradução e notas de María Concepción Giner Soria. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HERODIAN. *History of the Empire from the time of Marcus Aurelius*. Vol. II. Books V-VIII. Tradução de C. R. Whittaker. London; Cambridge: William Heinemann; Harvard University Press, 1970.

JUVENAL. *Sátiras.* Tradução de Francisco Antônio Martins Bastos. São Paulo: Ediouro, s/d.

LUCIANO DE SAMÓSATA. A Deusa Síria. In: *LUCIANO [VII].* Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 177-207.

THE SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE. Vol. II. Tradução de David Magie. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1993.

Referências Bibliográficas

ALVAR EZQUERRA, J.; LOPEZ-GÓMEZ, J. C.; PAÑEDA MURCIA, B. La vulva de Átis. *Arys*, 17, 2019, p. 191-226.

ARRIZABALAGA Y PRADO, L. The eunuchs riddle: Gannys, Eutychianus and Comazon. In: ARRIZABALAGA Y PRADO, L. (Ed.). *Varian Studies*. Volume Three: A Varian Symposium. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2017, p. 316-388.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUTLER, J. *Problemas de gênero.* Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CORASSIN, M. L. A composição da biografia de Severo Alexandre na *História Augusta*. *Revista de História (USP)*, São Paulo, v. 119, 1988, p. 153-178.

DULAURE, J-A. *O culto do falo.* Nos antigos e nos modernos. Lisboa: Hugin, 1998.

ELIADE, M. *Mito e realidade.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

GONÇALVES, A. T. M. *A oposição aos imperadores durante o período dos Severos*: uma análise da obra de Herodiano. Dissertação de Mestrado, História Social, Universidade de São Paulo, 1996.

GUALERZI, S. *Né uomo, né donna, né dio, né dea:* ruolo sesseuale e ruolo religioso dell'Imperatore Elagabalo. Bologna: Pàtron editore, 2005.

HALPERIN, D. *How to do the History of Homosexuality.* Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

HAY, J. S. *The amazing emperor Elagabalus*. London: Anson Street Press, 1911.

HERZ, Z. How to do the History of Elagabalus. In: HASELSWERDT, E.; LINDHEIM, S. H.; ORMAND, K. (Eds.). *The Routledge Handbook of Classics and Queer Theory.* London; New York: Routledge, 2024, p. 408-422.

ICKS, M. *The crimes of Elagabalus*. London; New York: I. B. Tauris, 2013.

KRENGEL, E. Das sogenannte ,,Horn" des Elagabal – Die Spitze eines Stierpenis. Eine Umdeutung als Ergebnis fachübergreifender Forschung, Jahrbuch für Numismatik und Geldgeschichte, 47, 1997, p. 53-72.

MACHADO, C. A. R. Entre frivolidade literária e sátira política: a *Historia Augusta*. In: ARAÚJO, S. R. R.; ROSA, C. B.; JOLY, F. D. (Orgs.) *Intelectuais, Poder e Política na Roma Antiga.* Rio de Janeiro: Nau, 2010, p. 207-234.

MILLAR, F. *A Study of Cassius Dio.* Oxford: The Clarendon Press, 1964.

SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SILVA, S. C. Barbaridade *versus* Humanitas no Principado Romano: a política e a construção da imagem do imperador Heliogábalo (século III EC). *Alethéia*, v. 2, 2017, p. 114-136.

SILVA, S. C. Identidade cultural e gênero no Principado Romano: uma proposta de análise interseccional das representações do imperador Heliogábalo (século III E.C.). *Phoînix*, v. 24, 2018, p. 142-166.

SILVA, S. C. Heliogábalo vestido divinamente: a indumentária religiosa do imperador sacerdote de Elagabal. *ARYS. Antigüedad: Religiones y Sociedades*, v. 1, 2019a, p. 251-276.

SILVA, S. C. A língua grega como elemento da ordem romana e de integração com povos de fora da administração imperial na obra de Flávio Filóstrato. *Revista de História da Unisinos*, v. 23, 2019b, p. 13-24.

SILVA, S. C. Não me chame de senhor, pois eu sou uma senhora: a performatividade transgênero do imperador Heliogábalo (218-222). In: SILVA, S. C.; ANTIQUEIRA, M. (Orgs.). *O Império Romano no Século III*. Crises, transformações e mutações. São João de Meriti: Desalinho, 2021a, p. 89-118.

SILVA, S. C. Os *galli*, sacerdotes de Cibele: representações literárias femininas e possibilidades sobre as práticas de castração ritual. *Notandum (USP),* v. 24, 2021b, p. 1-22.

SILVA, S. C. O corpo castrado dos *galli* nas maldições de Mogoncíaco: uma análise de cinco *defixiones* para *Mater Magna*. *Romanitas,* v. 1, 2022, p. 91-113.

SILVA, S. C. The Emperor and the Historian: an analysis of Elagabalus' image considering Cassius Dio's trajectory and point of view. *Classica et Christiana*, v. 19, 2024, p. 789-812.

TEIXEIRA, C. Os paralelos ficcionais entre a biografia de Heliogábalo na Historia Augusta e a *Cena Trimalchionis* do *Satyricon* de Petrónio. *Cadmo*, 17, 2007, p. 229-242.

VAN ETTEN, M. E. J. M. A Teenager on the Throne: Addressin Heliogabalus' Age in Cassius Dio and Herodian's Histories. *Kleos - Amsterdam Bulletin of Ancient Studies and Archaeology*, 8, 2025, p. 23-36.

VAN HAEPEREN, F. Les prêtresses de *Mater Magna* dans le monde romain occidental. In: GIANPAOLO, U. (A cura di). *Sacerdos.* Figure del sacro nella società romana. Pisa: Edizioni ETS, 2014, p. 299-321.

VILLENEUVE, R. *Heliogabale.* Le Cesar fou. Paris: Pierre Amiot, 1957.

WEISS, C. Motives for Male Circumcision among Preliterate and Literate Peoples. *The Journal of Sex Research,* v. 2, n. 2, 1966, p. 69-88.

WINTERLING, A. Loucura Imperial na Roma Antiga, *História (São Paulo),* v. 31, n. 1, 2012, p. 4-26.